

Intervenção de Abertura ao *Colóquio Marx: as misérias da filosofia*

Paulo Antunes
pauloantunes@campus.ul.pt
Pela Comissão Organizadora do Colóquio

Dire maintenant que, parce que les choses les moins coûteuses sont d'un plus grand usage, elles doivent être de la plus grande utilité, c'est dire que l'usage si répandu de l'eau-de-vie, à cause du peu de frais de sa production, est la preuve la plus concluante de son utilité; c'est dire au prolétaire que la pomme de terre lui est plus salubre que la viande; c'est accepter l'état de choses existant; c'est faire enfin, avec M. Proudhon, l'apologie d'une société sans la comprendre. (Marx, 1847)

Bom dia!

Gostávamos de começar por cumprimentar todos os presentes, desde os oradores – que vieram de várias partes do Globo –, à assistência e aos restantes colegas que se juntaram à organização.

Depois, mas não menos importante, gostávamos de agradecer a todos aqueles que acorreram à nossa chamada; foram dezenas as submissões recebidas.

E ainda agradecer aos membros da Comissão Científica, aos

oradores convidados (Professores José Barata-Moura e António Feijó, por também aceitarem o convite) e às instituições que permitiram a realização deste evento: a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (onde nos encontramos), o Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, por intermédio do seu Grupo Práxis (na pessoa do seu coordenador Viriato Soromenho-Marques) e à Revista *philosophy@lisbon* (na pessoa do seu editor-responsável Carlos João Correia que gentilmente aceitou o desafio de publicar as atas do nosso Colóquio).

Coube-me, portanto, proferir umas palavras que sirvam, por um lado, de apresentação, e, por outro, de contextualização do Colóquio.

Começava então por explicar sucintamente o que nos impulsionou a reunir e a realizar um evento deste tipo (que por coincidência, apenas mais tarde demos por isso, foi marcado para o dia de nascimento de Friedrich Engels – 29 de Novembro, amanhã –, entre outras coisas, o conhecido parceiro intelectual de Marx, que acaba assim também por ser homenageado):

pois bem, sentimos que no âmbito mais académico, pelo menos aqui em Portugal, pouco se tem falado e discutido em torno do pensamento e legado de Karl Marx (admitimos que pode ser ignorância nossa), o que não quer dizer que não se tenham realizado outros eventos – desde já aproveitamos para felicitar algumas iniciativas que ocorreram ainda este ano e outras que já se encontram marcadas para 2018 –;

na verdade, sentimo-nos igualmente “entalados” entre efemérides (que não se ficam por meros acontecimentos) do maior relevo para a reflexão e debate a partir do nosso autor, nomeadamente, os 150 anos do lançamento da sua *magnum opus* – *Das Kapital* – e o centenário da Revolução de Outubro, ambos celebrados ao longo do presente ano; bem como o bicentenário de nascimento de Marx e o respetivo assinalar de outras obras já no próximo ano, como por exemplo, os 170 anos

do *Manifest* ou os 160 dos *Grundrisse* (no caso deste, apenas publicado já no século XX).

Ora, este duplo sentimento juntou-se ao entendimento de que pouco espaço mediático haveria para que se tomasse a devida atenção a obras como *Misère de la philosophie* – uma vez que mais do que outra coisa qualquer, esta teria ficado realmente “entalada” entre as efemérides já assinaladas e porventura mais importantes. O que fez com que fossemos levados a aproveitar os seus 170 anos de lançamento, o facto de ter sido uma das primeiras obras do autor (para o caso escrita em francês), e de ser uma das mais relevantes para a compreensão da conceção materialista da história, para realizar este Colóquio.

Daí esta singela evocação, daí o seu nome – *Colóquio Marx: as misérias da filosofia*. Não porque quiséssemos reduzir o conteúdo das suas intervenções a esta obra, mas por estarmos convictos de que é fundamental relevar o espírito crítico (e eventualmente, até demasiado acutilante) que Marx deixou naquelas páginas.

A maneira como o autor faz a crítica a Pierre-Joseph Proudhon (autor socialista que Marx considerava representante da pequena burguesia e que fora o autor da obra que lhe serviu de mote – *Philosophie de la misère*) terá feito escola, mas não deixa por isso de ter sido ali que Marx aproveitou para esclarecer questões relacionadas com a teoria e a prática do movimento revolucionário dos trabalhadores sob o ponto de vista materialista e dialético. Engels realçou-o no prefácio de uma nova edição (1884) após a morte do amigo, ali – diz – “tornaram-se claros os princípios básicos do seu – de Marx – novo modo de ver histórico e económico”.

É, com efeito, ali que Marx insiste na “historicidade” e “transitoriedade” de todas as formas de relação humana; em como se erra quando se olha para a história, como o faziam (e ainda fazem...) os ditos “economistas políticos”, isto é, partir de categorias enquistadas e/

ou coetâneas para se ajuizar todas as sociedades passadas e até presentes; enfim, em como se estreita a reflexão acerca do desenvolvimento das sociedades se se parte dos *adquiridos atuais* (sob as relações capitalistas de produção) como “eternos” e não como “históricos”.

Com isto podemos dizer: a prova de que a análise de Marx não está desatualizada, ou de que não é inadequada, encontra-se precisamente quando nos cruzamos com autores que insistem nos mesmos problemas ali criticados.

Por exemplo, e podíamos ir a outro autor, mas já que ao longo deste ano se assinalou o lançamento do Livro I d’*O Capital*, lembra-se a obra afamada, e tão aclamada por diversas bandas, do economista francês Thomas Piketty – *O Capital no século XXI (Le Capital au XXIe siècle)* –, lançada em 2013. Aqui, o autor pretendendo relatar o desenvolvimento da economia global atual e propor uma solução para os seus problemas, não deixou entretanto de pressupor tendências sociais historicamente específicas partindo de princípios supostamente transhistóricos (o que obriga a uma importante discussão em torno do significado da forma histórica de *capital*).

Para que se entenda melhor o que aqui é dito, estamos convictos de que uma compreensão adequada do que é tratado na *Miséria* permite perceber melhor, por exemplo, o alcance do capítulo 48 d’*O Capital* (Livro III) – sobre “a fórmula trinitária” –, o que, por seu turno, ajudava a não cair em semelhantes “desvios categoriais”. Neste capítulo, Marx afirma que «[...] o capital não é nenhuma coisa, mas uma determinada relação social de produção pertencente a uma determinada formação histórica da sociedade, que se expõe numa coisa e dá a essa coisa um carácter social específico.» (*Aber das Kapital ist kein Ding, sondern ein bestimmtes, gesellschaftliches, einer bestimmten historischen Gesellschaftsformation angehöriges Produktionsverhältnis, das sich an einem Ding darstellt und diesem Ding einen spezifischen ge-*
philosophy @LISBON

sellschaftlichen Charakter gibt.)

Sendo certo que tudo isto nos terá servido de mote, a realização deste colóquio deve o seu impulso inaugural à vontade de entender e confirmar a pluridisciplinaridade sobre a qual se desdobram as várias vertentes do pensamento marxista, não como mero exercício de elasticidade formal, mas como garante de uma justa compreensão da real amplitude do pensamento materialista histórico-dialético.

Não surge por acaso o plural – “as misérias” –, ficou a “filosofia”, porque o autor a mantivera por causa de Proudhon; contudo, aqui, nestes dois dias, teremos mais do que apenas *filosofia* e seguramente mais do que *miséria*.

Aqui vão encontrar uma grande diversidade de temas entre os nossos oradores, todos eles sujeitos a crítica (não acintosa ou superficial), no sentido de que a *crítica* significa sempre, de alguma forma, *procurar olhar de uma outra maneira*, de preferência para *ver* melhor.

Por fim, gostávamos de vos citar uma passagem de Marx (que poderia servir de epígrafe ao nosso evento, se epígrafes houvesse que pudessem antecipar um Colóquio) presente na sua obra *A Miséria da Filosofia* (alerta-se de que o contexto é o da crítica à *conceção* de *valor* de Proudhon):

Dizer agora que, porque as coisas menos caras são de maior uso, elas devem ser da maior utilidade, é dizer que o uso tão espalhado da aguardente, por causa do reduzido custo da sua produção, é a prova mais concludente da sua utilidade; é dizer ao proletário que a batata lhe é mais salutar que a carne; é aceitar – sublinhamos – *o estado de coisas existente; é fazer, enfim, com o Sr. Proudhon, a apologia de uma sociedade sem a compreender.*

Creemos que seja precisamente o contrário disso que estamos aqui a fazer, ou seja, de que não estamos aqui para fazer qualquer “apologia”, ou alguma “mera teoria”, ou apenas para “falar uns para os outros”; por conseguinte, e na esteira de Marx, estamos aqui para compreender melhor a sociedade em que vivemos, quer sejamos “marxistas”, “não marxistas”, “pós-marxistas”, por aí adiante, independentemente de toda a polémica que envolva quaisquer “catalogações”.

Obrigado pela vossa atenção.

Lisboa, 28 de Novembro,

Paulo Antunes
pela Comissão Organizadora